

## RUBEM BRAGA ANALISA AS ELEIÇÕES AMERICANAS

NOVA YORK, novembro (Pela Varig) — Um dos temas da campanha eleitoral foi o da bomba de hidrogênio; este tema supera de muito, pela sua importância, a questão de saber se é Stevenson ou Eisenhower quem vai governar os Estados Unidos. Para este país e para o mundo inteiro a questão da bomba de hidrogênio é simplesmente uma questão de vida ou de morte.

Abordando assunto tão grave quero começar lembrando duas anedotas, a primeira, aliás, autêntica. Vários amigos, em um bar do Rio, discutiam a possibilidade de uma nova guerra, e já estavam há meia hora falando do assunto quando um rapazinho de modos não muito masculinos que estava na mesa disse: «Ih, que

### MUITO REAIS OS PERIGOS DAS EXPERIÊNCIAS COM A BOMBA H

#### UM DOS TEMAS DA CAMPANHA DEMOCRATA

enjoamento, esse negócio de guerra! Eu não quero mais nem ouvir falar nisso. Eu já resolvi: se houver guerra outra vez eu vou para Petrópolis».

A outra história é um velho diálogo de Ranchinho e Jararaca sobre o fim do mundo.

A certa altura, um deles pergunta o que o outro fará quando chegar o dia do fim do mundo, e o outro responde — «eu vou para o estrangeiro, uai!»

#### O BRASIL JÁ ESTÁ NA GUERRA

Nem indo para o estrangeiro nem para Pe-

trópolis ninguém escapará da nova guerra; e se ela vier será alguma coisa extremamente parecida com o fim do mundo. As armas forjadas para a nova guerra são de tal maneira terríveis que mesmo experimentadas em ilhas distantes ou no centro de desertos elas afetam o mundo inteiro. Nesse sentido não exagerei nada dizendo que o Brasil já está na guerra; sobre o nosso país também está caindo a sutil chuva de estrôncio-90 que as bombas de hidrogênio que já explodiram espalharam na estratosfera da Terra.

Não sei se algum cientista brasileiro já mediu o aumento de radioatividade que essas explosões experimentais produziram em nosso país.

(Conclui na 2ª página)

8 / 111 / 56

# Rubem Braga Analisa as Eleições Americanas

(Conclusão da 1ª página)

Há, porém, um fato, agora revelado aqui, suficiente para nos tirar qualquer dúvida a respeito: os cientistas americanos da Expedição Antártica de 1955 encontraram o estrôncio-90 nos gelos do Polo Sul. Ninguém precisa ser técnico em meteorologia para saber que os ventos e as águas antárticas sobem ao longo das duas costas da América do Sul; de vez em quando um jornal publica a fotografia de um pinguim que deu à praia no Arpoador.

Os cientistas ingleses revelaram que depois da explosão de uma bomba de hidrogênio em Nevada, Estados Unidos, o famoso estrôncio-90 apareceu nos gramados ingleses.

## AMEAÇA NA ANTÁRTIDA

No caso da Antártida há uma advertência que não deve ser esquecida. Anunciou-se, no ano passado, que os ingleses pretendiam fazer explodir uma bomba-H na Antártida. Eu estava nessa ocasião no Chile, e vários cientistas chilenos deram entrevistas protestando contra esse «test» que poderia envenenar as águas e peixes do Chile.

É impossível saber se os ingleses estão se preparando ou não para essa experiência; é evidente que o governo brasileiro, assim como os de outros países da América do Sul, estariam no dever de protestar veementemente contra essa intenção, fazendo um movimento no sentido de

Eisenhower respondeu: 1) que os russos já demonstraram mais de uma vez que não merecem confiança; 2) que eles se negaram a aceitar um acordo para o controle efetivo do uso da força atômica, inclusive a proposta de «céu aberto» e qualquer outro sistema de efetiva salvaguarda; 3) que caso os Estados Unidos cessem suas experiências e os russos continuem, no dia em que estes fizerem explodir uma nova bomba de hidrogênio a América poderá ficar, nesse campo, com um atraso de meses e até de anos em relação aos russos; 4) que nos últimos «tests» já se conseguiu reduzir de maneira notável a queda do estrôncio 90, e concentrar assim a ação destruidora da bomba sobre um objetivo determinado; 5) que os últimos «tests» também ajudaram a descobrir armas para a defesa do povo americano contra um ataque atômico; 6) que a Rússia poderia fazer «tests» em pequena escala sem que os cientistas ocidentais pudessem saber; 7) que a Academia Nacional de Ciências declarou que se as experiências zer «tests» em pequena escala a quantidade de estrôncio lançada na atmosfera não será suficiente para afetar a saúde das populações.

Stevenson respondeu que posteriormente ao relatório da Academia foi descoberto que «os estudos sobre o limite de tolerância do homem ao estrôncio-90 devem ser feitos com mais cuidado, pois o ponto perigoso parece estar mais perto do que se supõe; que a Federação de Cientistas Americanos concluiu recentemente que «muitas pesquisas adicionais são necessárias para avaliar acuradamente a extensão da chuva de estrôncio-90», e

impedi-la, uma vez que ela pode afetar mais diretamente a saúde de nosso povo.

## DISCUTEM POLÍTICOS E CIENTISTAS

Podemos resumir em alguns pontos a discussão travada sobre o assunto entre Stevenson e Eisenhower.

Stevenson propôs que os Estados Unidos tomassem a iniciativa de suspender os «tests» com as bombas-H, desde que os outros países concordassem em fazer o mesmo. Ele afirma que os Estados Unidos já têm um estoque de bombas de hidrogênio suficiente para acabar com a vida humana na face do planeta. Que o estrôncio-90 que fica na atmosfera é um veneno altamente perigoso, calculando-se que apenas uma colher de sopa daria para matar todos os habitantes do globo. Que esse estrôncio localiza-se nos ossos do corpo humano, particularmente das crianças e jovens, produzindo câncer, que também pode produzir leucemia e esterilidade, e é capaz de afetar as novas gerações e as que ainda estão por vir. Que se a Rússia (que várias vezes já propôs a suspensão das experiências), agir de má-fé e falhar a um acordo nesse sentido com os Estados Unidos e os outros países do mundo, a ciência ocidental dispõe hoje de meios para registrar qualquer explosão de bomba-H em qualquer parte da terra. Assim, a Rússia ficaria exposta ao descrédito de todo o mundo, e os Estados Unidos reiniciariam imediatamente as experiências.

uma carta que li ontem no «New York Times», de autoria de William G. Cahan, médico de um hospital para cancerosos. Ele escreve a certa altura:

«Partículas de radioatividade, que podem ser julgadas «insignificantes» ou «permissíveis» quando medidas isoladamente, podem ser aumentadas de maneira significativa por processos naturais e assim chegar ao corpo humano sob uma forma altamente concentrada. Uma prova disso é dada pelo caso de um rato selvagem (rato almiscarado) que foi capturado e se provou estar com câncer. Esse animal tinha comido plantas aquáticas nas margens do rio cujas águas são utilizadas na Usina X-10 de Oak Ridge, Tennessee. «Insignificantes» quantidades de material rádio-ativo tinham sido lançadas ao rio pela usina. As plantas das margens absorveram essas partículas e, através da evaporação, as concentraram. A radioatividade das plantas aquáticas comidas pelo rato era 15 vezes maior que a radioatividade da água; e a radioatividade encontrada no osso canceroso na perna traseira direita do rato era 150 vezes maior».

## O RATO DE TENNESSEE

Diariamente aparecem nos jornais e revistas de Nova York declarações de cientistas que tomam posição em um lado e outro. O que está fora de dúvida, através dessas discussões, é que há muitos fatos ainda não cientificamente estabelecidos, e há dúvidas sobre pontos importantíssimos.

Eu confesso que fiquei particularmente impressionado por

Baseado nesse fato o dr. Cahan diz que é sempre arriscado falar em quantidades «insignificantes» de rádio-atividade; além disso pode se dar o caso de que, embora insuficientes por si mesmas para produzir o câncer, as partículas radioativas ajam em conjunção com outros agentes desconhecidos da moléstia. Diz que essas questões estão sendo estudadas pelos cientistas, mas que os resultados desses estudos só poderão ser conhecidos depois de vários anos, pois muitas vezes o câncer leva muitos anos para se manifestar quando provocado pela radioatividade».

No mesmo jornal aparece hoje um resumo da conferência por um cientista oficial, o dr. William F. Neuman, da Universidade de Rochester, chefe da seção de bioquímica da Comissão de Energia Atômica. Ele diz simplesmente isto: «Nossa ignorância nesse campo é tão grande que não podemos afirmar com certeza que já não lançamos na estratosfera tanto estrôncio 90 que a sua queda perniciosa já não seja inevitável». Isso quer dizer apenas que a humanidade inteira «pode já estar condenada» a terríveis males em consequência das bombas atômicas que já explodiram.

Os Estados Unidos até hoje já fizeram treze explosões de experiência; a Rússia, sete. A Inglaterra até agora não fez explodir nenhuma bomba de hidrogênio.

A posição de um país como o Brasil é clara: ele deve se juntar a outros países em um movimento internacional no sentido de conseguir a suspensão de tais experiências, pelo menos até que a ciência determine com certeza que elas não são prejudiciais à humanidade. Seria também de primária prudência mandar para os Estados Unidos não somente engenheiros e físicos mas também médicos, concarólogos e fisiologistas para estudar os efeitos da radioatividade no corpo humano e a melhor maneira de combatê-los. Até hoje praticamente nosso governo não tomou conhecimento da bomba de hidrogênio. Mas os brasileiros, como todos os povos do mundo, estão debaixo da chuva de estrôncio 90.

95/11/56

144